

28 MAI 1987

## Chase eleva reservas...

por Paulo Sotero  
de Washington

(Continuação da 1ª página)

anunciado na semana passada, as reservas do Citicorp passaram a ser de 5,1% do volume total de empréstimos e de 25% do chamado risco soberano. O capital do Chase, que incluiu reservas, ações no mercado e debêntures, passou a ser de US\$ 6,9 bilhões, ou 7% dos ativos.

A decisão do Chase de seguir o exemplo do Citicorp aumenta a pressão sobre os demais grandes bancos americanos para que façam o mesmo. Na terça-feira, um banco regional, o Northwest Corporation, de Minneapolis, antecipara-se ao Chase, colocando mais US\$ 250 milhões em suas reservas, que saltaram para US\$ 650 milhões. Entre os grandes bancos, os números sugerem que os dois que provavelmente sofrerão maior pressão do mercado para ampliar as reservas são o Manufacturers Hanover, que tem US\$ 7,5 bilhões em empréstimos ao Terceiro Mundo e apenas US\$ 1 bilhão em reservas, e o Chemical Bank, que tem US\$ 4,4 bilhões em empréstimos e US\$ 700 milhões em reservas.

O Bank of America, que tem estado no vermelho, por causa de problemas com seu portfólio de empréstimos a setores da economia americana e regiões do país que estão em crise, tem, na realidade, reforçado suas reservas continuamente e está numa posição relativa não muito inferior à que o Chase ficou depois da decisão anunciada ontem. O portfólio do Bank of America com países devedores é de US\$ 6,7 bilhões, e as reservas estão em US\$ 2,1 bilhões. O segundo maior banco dos EUA pode, por isso, elevar suas reservas à faixa dos 25% do risco soberano, alcançada pelo Citi e pelo Chase, alocando um montante menor às reservas.

GAZETA MERCANTIL

# Chase eleva reservas

por Paulo Sotero  
de Washington

A Chase Manhattan Corporation, "holding" do Chase Manhattan Bank, o terceiro maior banco comercial dos Estados Unidos, anunciou ontem um substancial reforço de US\$ 1,6 bilhão em suas reservas contra possíveis perdas em empréstimos. A decisão, que, segundo um comunicado divulgado pela corporação, custará uma perda líquida estimada em US\$ 1,4 bilhão no segundo trimestre e de US\$ 850 milhões no ano, tornara-se inevitável, segundo uma fonte do Chase, depois que o Citicorp tomou a iniciativa, na semana passada, colocando US\$ 3 bilhões em suas reservas, para precaver-se contra possíveis perdas em empréstimos concedidos a países do Terceiro Mundo.

"Nós acreditamos que esta ação é apropriada, particularmente à luz de eventos recentes na situa-



Willard C. Butcher

ção da dívida dos países em desenvolvimento, notadamente a suspensão de pagamentos de juros pelo Brasil, anunciada no início do ano, e a ação tomada pelo Citicorp na semana passada", afirmou o presidente do Conselho de Administração e principal executivo do Chase, Willard C. Butcher, no comunicado.

Falando a este jornal (ver texto da entrevista na página 19), Butcher foi mais explícito, afirmando que a moratória brasileira "foi uma das razões que nos levaram a concluir que devemos ser prudentes e fazer provisão de reservas contra possibilidades futuras". O "chairman" do Chase, cujo banco tem uma importante presença no Brasil, expressou seu desejo de que as negociações entre o País e seus credores sejam retomadas. Ele disse que não vê "nenhuma razão pela qual deveríamos ter de assumir perdas no Brasil", mas procurou indicar que seu banco deseja estar preparado para esta possibilidade e tomou a decisão de aumentar as reservas para reforçar seu cacife na mesa de negociações.

"Na minha opinião, a solução para a crise da dívida ainda é alcançável e não tenho nenhuma razão para acreditar que não podemos negociar de forma signifi-

cativa com o Brasil", afirmou. "Acho que (o aumento das reservas) nos dá também alguma flexibilidade, mas ela também requer que os próprios países tomadores reconheçam que os bancos não emprestam para perdoar a dívida. Nós não estamos com ânimo de perdoar dívidas. Certamente, se nós tivermos de cancelar empréstimos (que não é o que anunciamos hoje), a possibilidade de (empréstarmos) dinheiro novo desaparecerá."

Perguntado se a decisão de ampliar as reservas não teria o sentido real de colocar o banco em melhor posição para recusar pedidos de empréstimos, Butcher respondeu: "Nós certamente temos de ver progresso do lado do tomador também. Nós não somos uma instituição beneficente, que pode fazer empréstimos de dinheiro novo sem que os empréstimos passados tenham os juros pagos", acrescentou.

O banqueiro reconheceu que a tendência dos bancos americanos a aumentar suas reservas abre as portas para uma maior diversificação dos mecanismos que poderão ser usados para solucionar o problema da dívida. Mas reafirmou o papel do comitê de bancos, ao menos no que diz respeito ao aspecto formal da renegociação.

Com a decisão de ontem, o Chase passou a ter US\$ 2,7 bilhões em reservas, que representam 4,1% de sua carteira global de empréstimos e 25% dos empréstimos internacionais. Com o reforço de US\$ 3 bilhões,

(Continua na página 19)